

FISSURA NA CIÊNCIA RACIONALISTA PELA EXPERIÊNCIA: ENSINAR-APRENDER FENOMENOLOGIA

Edmarcius Carvalho Novaes¹

Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE)

E-mail: edmarcius@hotmail.com

Jhonathan Hwang Gonçalves da Silva²

Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE)

E-mail: jhonathan.goncalves@univale.br

Resenha:

Marandola Jr, E. **Ensinar-aprender fenomenologia: trilhas de um pensar e de um fazer pela experiência.** 1. ed. Teresinha: Cancioneiro, 2024.

Esta resenha apresenta o livro “Ensinar-aprender fenomenologia: trilhas de um pensar e de um fazer pela experiência” (Marandola, 2024), em que o autor reflete sobre o processo de aprendizagem da fenomenologia, tendo por origem os cursos por ele desenvolvidos juntamente com seus colaboradores, para a prática fenomenológica na pesquisa e ensino. Eduardo José Marandola Júnior é Doutor em Geografia pelo Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas. Atualmente é Professor Titular da Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA) da UNICAMP – Campus de Limeira, onde coordena o Laboratório de Geografia dos Riscos e Resiliência. Atua como Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, e Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia. Atua ainda como editor da Revista Geograficidade, do Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural

¹ Doutor Interdisciplinar em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor no Programa de Mestrado em Gestão Integrada do Território (GIT) da Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE). Coordenador do projeto de pesquisa e extensão "PROJETO FALA JOVEM: diálogos sobre violências e formas de resistências vivenciadas por estudantes do Ensino Médio em uma escola estadual de Governador Valadares" – FAPEMIG Edital N 014/2023 - Pesquisa para Inovação na Educação Básica (FAPEMIG).

² Graduando em Psicologia pela Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE). Bolsista de Iniciação Científica FAPEMIG no projeto de pesquisa e extensão "PROJETO FALA JOVEM: diálogos sobre violências e formas de resistências vivenciadas por estudantes do Ensino Médio em uma escola estadual de Governador Valadares".

(GHUM/UFF/CNPq), do qual é um dos coordenadores. Coordena o Nomear - Grupo de Pesquisa Fenomenologia e Geografia (LAGERR/FCA/Unicamp).

Na obra analisada, em seu capítulo inicial, “Cursos de verão, outono, inverno e primavera”, Marandola apresenta o objetivo da produção, relata vivências e informa os motivos e ideias que levaram a sua escrita: uma adaptação de cursos - dentre as quatro estações - que ministrou na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). O autor expõe sua relação com a fenomenologia, que se deu na segunda metade do seu curso de graduação, sendo à época um estudante da Geografia, que adentrou um novo modo de pensar e compreender. Marandola explicita que apesar de separar em diferentes sessões temáticas, seu livro não necessariamente precisa ser lido na ordem apresentada, pois “... não há linearidade nos capítulos. Eles podem ser lidos de maneira avulsa e em diferentes ordens.” (Marandola, 2024, p. 19).

Na sequência, Marandola apresenta o capítulo “Andarilho- Conversante: caminhar para se perder”, inicialmente fazendo uma passagem sobre a importância do exercício da criatividade, do experimentar e conhecer mundos “fantásticos”. Reflete que o objetivo de seus diversos cursos esteja em criar uma espécie de fissura na Ciência racionalista, já que essa ciência deslegitima a imaginação e a sensação. O autor relata que a prática fenomenológica, apesar de clássica, apresenta-se “viva e pulsante do horizonte de sua temporalidade”, o que indica que os pensamentos e proposições de autores no passado, podem ser reinterpretados para a era atual, e que novos conhecimentos podem ser obtidos a partir da retomada do conhecimento clássico, quando não suficientemente desdobrado.

Em retrospecto, Marandola retoma a conexão entre Geografia e Fenomenologia, com os precursores que alinharam ambos campos de conhecimento, e tornaram possível o estudo atual de uma Geografia Fenomenológica. Sua transição de epistemologia é exaustiva, pois a formação educacional e científica é ornamentada pelo racionalismo, sendo necessário passar por um processo de desligar-se, ou do que denominou de “desterramento”.

Logo após, o autor trabalha questões que se inserem na práxis de campo fenomenológica, dividindo duas ações de um pesquisador na perspectiva geográfico-fenomenológica, sendo elas: o Andarilho e o Conversante. Nestas, o pensamento não é unidirecional do pesquisador ao pesquisado, mas sim aberto para o acontecer do processo de investigação. Na investigação fenomenológica, as perguntas originárias não têm intenção

de isolar uma resposta esperada; ao contrário, busca promover o movimento, a possibilidade do fenômeno e da experiência surgir. É necessário então que o investigador entenda o tempo fenomenológico, que diferente de uma ciência experiencial, se utiliza da intuição, passividade e paciência, para que o fenômeno se manifeste, sendo sentido, para ser pensado: “Ser Andarilho e Conversante, portanto, não equivale a trilhar um caminho ladrilhado, mas abrir possibilidades erráticas pela experiência.” (Marandola, 2024, p. 39).

Como as tradições fenomenológicas utilizam de questões que evitam o objetivo e focam em aspectos subjetivos, Marandola revela questionamentos que realizou em seus cursos, como: “Que é isto, este lugar?” ou “Que é isto, esta paisagem?”. O objetivo é desvelar os vários “comos” de cada participante. O autor também informa uma prática comum que realiza: a de solicitar os participantes de seu curso para que caminhem sem direção. Este exercício iniciador é utilizado para que, primeiro, os participantes experienciem e depois possam discutir as vivências pela corporeidade e pela percepção. Retornando ao Andarilho, Marandola diz: “O percurso do Andarilho é um perder-se. É um deixar-se levar. O Andarilho não para, não se deixa vencer pelo cansaço.” (Marandola, 2024, p. 47). O Andarilho é experienciar pela corporeidade. Estar pela experiência, sem pensar no ponto de parada.

A paisagem, muito utilizada por Marandola, é descrita numa perspectiva fenomenológica como um modo-de-ser, como horizonte. É o fenômeno em sua inteireza e complexidade, fazendo parte do sentido e do sentir. Quando o Andarilho surge, é atraído pela paisagem, e por ela mobilizado. Ela é parte do trajeto, e não é o fim. Dentro da paisagem, o autor apresenta dois olhares possíveis: o oblíquo, parte da perspectiva de quem vive e/ou está inserido na paisagem; e o olhar panorâmico, ou de sobrevoos, que prioriza a amplitude em troca dos detalhes. Adicionalmente, Marandola adentra o fazer da descrição, que na fenomenologia é prática arqueológica, na busca da manifestação do fenômeno, pois descrever sem um conceito é deixar que a coisa se mostre por si só.

Para finalizar essa sessão, Marandola destaca o campo fenomenológico, no qual encontra-se o conversar: os diálogos em que surgem os fenômenos, nas falas e ausência de falas, nas conversas ordinárias que não tematizam e, por isso, permitem a experiência seguir seu fluxo relacional. Marandola declara ao fim do capítulo: “Andarilho e Conversante, por fim, são caminhos para se perder. Personagens-conceituais, sem fim. Meios.” (Marandola, 2024, p. 80).

Em seu próximo capítulo, denominado “Crise e paráfrase”, Marandola traça a história do suposto sucesso na ciência moderna, que busca os valores universais, acompanhada da Filosofia, que embarca neste modelo. Adentra o século XX, com a crise surge no momento de mudança quando nasce a Fenomenologia, com Edmund Husserl. A fenomenologia, como ciência, não pode se utilizar de metodologias ou preceitos da ciência tradicional, pois isso anularia o potencial de abertura fenomenológico, fazendo dela “uma outra Ciência, mas ainda assim, Ciência” (Marandola, 2024, p. 88). Assim, a ciência fenomenológica é voltada para o mundo-da-vida, no ordinário, da busca de onde não costuma se procurar.

Dialogando com alguns autores, Marandola fala sobre Merleau-Ponty, que em sua paráfrase, aprofunda e adensa os trabalhos de Husserl. Ponty desenvolve uma fenomenologia ligada à corporeidade, um corpo para além de objeto. Outro autor evocado, Bachelard, inovou ao pensar sobre as imagens do dia e da noite, as quais são aquelas que podem ser mais racionais e focadas (o dia, a luz), e aquelas com possibilidade poética e onírica (a noite, a escuridão), o que denominou como fenomenologia da imaginação.

Ao finalizar esta seção, o autor defende que o estado atual da fenomenologia não se encontra na escuridão ou na luz. Encontra-se no movimento lusco-fusco, na incompletude, pois a fenomenologia não deve ser fechamento, mas permanecer em abertura, possibilitando a paráfrase e as inovações que dela se derivam.

Em seu próximo capítulo, denominado “Em busca do ordinário”, o autor inicia um diálogo sobre a preocupação dentro da perspectiva fenomenológica da pesquisa de campo. Marandola destaca que a experiência no campo é apenas uma das diversas experiências possíveis. Para o geógrafo fenomenologista, em contraposto às perspectivas materialistas e objetivistas, que procuram o destaque e o excepcional, não se deve hierarquizar as experiências, como se houvesse maior validade em uma do que outra. Deve-se, então, haver uma busca do ordinário.

Sobre os fazeres e a educação dos geógrafos, Marandola retoma questões sobre a descrição e relaciona a compreensão a esse termo. A descrição é o passo inicial, um passo de abertura. É como se o lugar ou a paisagem também se descrevessem por meio do pesquisador. Ao adentrar a questão da Arte, o autor inicia um repensar da escrita do pesquisador e de professores na produção de conhecimento – já que escritas artísticas

comumente são desvalorizadas no meio acadêmico. A experiência como condução também é aprofundada, sendo aqui dialogada, inicialmente, com Buber em suas palavras-princípio ‘Eu-Tu’ e ‘Eu-Isso’, na qual é necessário que exista uma escuta atenta e cuidadosa, para que a relação seja autêntica e total, o que se dá através da presença do diálogo, da conversação.

Marandola costura as questões do capítulo com as expressões mundanidade, o ordinário, a facticidade, pontos de origem da experiência, as quais podem ser nomeadas e expressas nessa relação autêntica. Já com a palavra ‘Eu-Mundo-Palavra’ é a transposição para a escrita, é reescrever o mundo negando-o, reestruturando a palavra utilizada. ‘Eu-Palavra-Mundo’ pode ser utilizada para que, por meio da palavra, possa descrever seu mundo próprio. Neste sentido, as descrições possibilitam a expressão da relação ‘Eu-Mundo’ e a hermenêutica é um modo-de-ser para a fenomenologia, com base em Heidegger e Gadamer. É necessário o perguntar e o reperguntar. Havendo abertura, a palavra não deve ser fechada; deve ser aberta para o novo, como possibilidade de experiência.

Em seu próximo capítulo, chamado “Situacionalidade: hermenêuticas políticas do corpo-terra”, o autor retoma as diferenças entre a fenomenologia e as formas modernas de conhecimento, no qual a primeira nega o conhecimento *a priori* ou *a posteriori*. Marandola (2024, p. 133) cita: “O mundo, como vida e experiência, é originário: os conceitos científicos são representações”, revelando o conhecimento vivo, a experiência. Em seguida, a discussão toma forma no campo da política, compreendida como presente em toda condição de vida humana. Aqui, o autor informa que a fenomenologia deve ser utilizada como manifestação do pensamento crítico, e que a epistemologia auxilia nessa compreensão crítica.

Assumindo a escrita poética, Marandola em seus versos fala sobre o espaço, sobre o nomear que dá sentido, o que possibilita a compreensão e desvela para a abertura. Para o autor, o espaço é forma-de-ser, e a hermenêutica atua como possibilidade de entendimento. Ambos operam como pontes, como entremeio. Adicionalmente, o autor fala sobre o corpo-terra, sobre esse ser lançado a carnalidade e sua condição de existência em multiplicidade, diverso, que não apenas caminha pelo mundo, mas também o é – e a Terra situa o ser, fazendo-o ser-em-situação.

Marandola, ao finalizar a sessão, destaca o fazer de uma pesquisa fenomenológica, e propõe duas dificuldades enfrentadas: o pensar direcionado à Filosofia, e o racionalismo e empirismo que apagam o pesquisador. Para a adversidade inicial, o autor propõe o uso da

poética como solução, pois nela evoca-se a possibilidade de doação do sentido. Ademais, para o segundo impasse, a utilização da poética permanece, detalhando que seu uso não é de definição do fenômeno, mas forma de desvelação do sentido, uma emergência que se situa entre o racionalismo e o empirismo. Marandola reconhece o desafio apresentado na ciência existencial, e que a escrita viva e vivificante que se estabelece na própria experiência são a potencialidade desta ciência.

Em seu último capítulo, “Fenomenologia se ensina?” Marandola encerra com o desejo que o livro seja um objeto de inspiração para os leitores, instigando-os a pensar fora do modo previsível e ordenado no mundo atual. Para o autor, ensinar-aprender Fenomenologia é dialogar com ela, utilizando a hermenêutica a partir da situacionalidade. É importante haver a escuta. Não é possível se ensinar Fenomenologia sem o escutar, sendo preciso pacientemente desenvolver esta relação. Em uma última frase, Marandola revela que “No final, não há ordem, apenas possibilidades.” (Marandola, 2024, p. 167).

Destarte, o livro – com uma leitura de fácil acesso – propicia uma entrada transparente para a fenomenologia em práticas geográficas e o seu fazer científico, o que oportuniza aberturas para a reflexão sobre as diferentes temáticas que perpassam essa área do conhecimento. Sua leitura é recomendada para estudiosos que desejam se utilizar da fenomenologia, pois, parafraseando os clássicos, o texto apresenta em termos atuais os enfrentamentos que essa Ciência disruptiva encontrou no seu passado e na sociedade.

Referências

MARANDOLA JR, Eduardo. **Ensinar-aprender fenomenologia:** trilhas de um pensar e de um fazer pela experiência. 1. ed. Teresinha: Cancioneiro, 2024.

Submetido em: Maio/2025

Aceito em: Março/2026